

Léxico erótico-obsceno em italiano e português: algumas considerações

Claudia Zavaglia

Professora Assistente Doutora na Universidade Estadual Paulista - UNESP,
Campus de São José do Rio Preto - IBILCE

Vivian Orsi

Pós-Graduanda em Estudos Lingüísticos na Universidade Estadual Paulista - UNESP,
Campus de São José do Rio Preto - IBILCE.

Resumo

A linguagem erótico-obscena é considerada um tabu lingüístico, algo imoral, porém, utilizada por todos os grupos sociais. Neste trabalho, apresentamos considerações sobre esse léxico especial e algumas de suas traduções nas línguas portuguesa e italiana, como considerações para a proposta de estruturação de uma obra lexicográfica bilíngüe.

Palavras-chave: Linguagem erótico-obscena; lexicografia bilíngüe; tabus lingüísticos; tradução.

É notória a importância dos estudos do léxico geral de uma língua, ou seja, dos signos lingüísticos por meio dos quais o homem se expressa e se comunica; mas, outrossim, é de extrema relevância o exame das linguagens especiais. Biderman confere que a realidade extralingüística é demonstrada pelos signos lingüísticos ou unidades lexicais “que designam os elementos desse universo segundo o recorte feito pela língua e pela cultura correlatas. Assim, o léxico é o lugar da estocagem da significação e dos conteúdos significantes da linguagem humana” (BIDERMAN, 1996, p.27). É nesse contexto que se encaixa o estudo do léxico erótico-obsceno, do qual pesquisamos aquele abrangente às zonas erógenas das línguas italiana e portuguesa, especificamente dos órgãos sexuais masculino e feminino. Foi o uso constante e sem barreiras sociais que incitou nosso interesse por tentar desvendar e organizar essa linguagem erótico-obscena, investigando as bases de sua formação - as metáforas - e as limitações morais de seu emprego - os tabus.

Elegemos para nosso estudo unidades léxicas

Abstract

The erotical and obscene language is considered a linguistic taboo, immoral, but it is used by all social groups. In this paper, we present considerations about this kind of special lexicon and some translations in Portuguese and Italian languages; besides some reflections to a proposal of a bilingual lexicography work.

Keywords: Obscene-erotical language; bilingual lexicography; linguistics taboos; translation.

estigmatizadas das pesquisas lingüísticas, adotando uma postura desprovida de qualquer preconceito lingüístico. “Enquanto o leigo tende a acreditar que há palavras *bonitas* ou *feias* em uma língua, o lingüista prefere afirmar que, intrinsecamente, inexistem recursos lexicais esteticamente agradáveis ou desagradáveis” (GOMES, 2002, p.IX).

Primeiramente, para adentrarmos nesse tipo de linguagem devemos ter como base os preceitos da Lexicologia - ciência dedicada ao exame pleno do signo lingüístico, ou seja, destinada à análise completa do signifiante e do significado, componentes do signo lingüístico concebido por Saussure (1995) no começo do século XX.

Ressaltamos que são igualmente basilares as contribuições da Lexicografia. Atesta-se que:

é verdade que as tarefas da lexicografia são mais fáceis de serem cumpridas se se considera a totalidade do sistema lingüístico individual ou coletivo, isto é, se se levam em conta também os enfoques lexicológicos.¹ (HAENSCH et al.,

1982, p.93, tradução nossa)

Portanto, para estudarmos a Lexicografia não podemos perder de vista as contribuições da Lexicologia. Ademais, o “dicionário é um instrumento cultural que remete tanto à língua como à cultura” (BIDERMAN, 1984, p.28).

Estruturamos nossa recolha vocabular segundo os preceitos da onomasiologia - o enfoque que parte do conceito e de certas matérias ou assuntos e aponta os significantes correspondentes.

Com Preti concordamos que o:

léxico representa para o lingüista um campo de difícil análise, pelas implicações culturais que possui e porque nele, mais do que em nenhum outro, se observa melhor a condição dinâmica da língua, sua contínua renovação para atender às necessidades de comunicação, fato que reflete a mobilidade das estruturas sociais, que também se renovam incessantemente. (PRETI, 1984, p. 59)

Ao aproximarmos as definições de léxico geral ao léxico especial, em nosso caso o erótico-obsceno, admitimos com Preti que, sob

a perspectiva moral, por exemplo, as frágeis linhas que marcam os limites dos ‘bons costumes’, cujos conceitos continuamente se renovam dentro de uma comunidade, são transpostas para o campo léxico. Formas vulgares se incorporam à fala culta ou vice-versa. A vida das palavras torna-se um reflexo da vida social e, em nome de uma ética vigente, proibem-se ou liberam-se palavras, processam-se julgamentos de ‘bons’ ou ‘maus’ termos, apropriados ou inadequados aos mais variados contextos. (PRETI, 1984, p. 61)².

Aqui apresentamos um tipo de linguagem, a especial, diferenciada da linguagem comum por expressar distintos fatores influenciados pela idade, sexo e profissão.

Com Camacho concordamos nas especificações de cada uma. Compõe a linguagem comum

o inventário lexical e sintático referente aos conceitos comuns a todos os membros de uma comunidade lingüística relativamente homogênea. Já as linguagens especiais contrastam com a comum por consistirem em variedades dialetais próprias das diversas subcomunidades lingüísticas, cujos membros compartilham uma forma especial de atividade, profissional, sobretudo, mas também científica e lúdica. (CAMACHO, 2001, p. 59)

É preciso considerar sempre as circunstâncias contextuais, extra-lingüísticas, que particularizam o

sentido dessas unidades lexicais. Para compreender as prováveis intenções do falante em manifestar determinado significado subentendido, oculto, é necessário que ele e o destinatário compartilhem de pressupostos comuns atinentes ao conteúdo do enunciado. O leitor/ouvinte do discurso malicioso - este que expressa veladamente uma informação - tem de intervir para entender o significado, preenchendo essa comunicação lacunosa.

O exame da linguagem erótica abrange áreas sobre as quais se tem preferido calar - apesar de serem extremamente populares e correntes - como, por exemplo, a dos vocábulos obscenos/palavrões, das blasfêmias, da gíria, do discurso malicioso. A eles deu-se o nome de “Linguagem proibida”. Nessa linguagem estão “formas estigmatizadas e de baixo prestígio, condenadas pelos padrões culturais, o que as transformou, com poucas exceções, em tabus lingüísticos” (PRETI, 1984, p. 3). A linguagem erótica, especificamente, é um expressivo índice lingüístico de muitos fatos e costumes sociais e sexuais.

Útil evocar que se faz comumente a associação do uso da linguagem proibida a falantes menos cultos e com menor grau de estudo. Haensch et al (1982) atestam que a classe social mais elevada não usava expressões populares ou vulgares, ficando tal emprego exclusivo à população menos abastada. Porém, hoje são menos intensas essas diferenciações entre uso e classe social, mas não ausentes. Um dos motivos de ela ainda ser relegada a um estudo secundário e prescindível deve-se ao fato mencionado acima por Preti, o de serem concebidas como tabus lingüísticos. Contamos igualmente com as reflexões de Augras (1989), segundo a qual em variados e inúmeros grupos humanos tudo o que se refere à sexualidade é objeto de proibições e preceitos.

O tabu se caracteriza por ser um sistema de superstições relacionado à religião, a elementos sociais, econômicos e morais, ou seja, podem ser atinentes a nomes de animais, a nomes de partes do corpo - com o qual trabalhamos em nossa pesquisa -, a doenças, lesões e anormalidades e a nomes de deuses e demônios. Logo, é algo fruto de proibição e, ao mesmo tempo e por este motivo, objeto de desejo. Em outras palavras, é sinônimo de transgressão e estipula o que é autorizado e o que se permite em determinada sociedade.

Ao contrário do que se pensa, a mentalidade tabuística não se restringe a comunidades consideradas primitivas ou ignaras, em nossa própria sociedade ocidental percebe-se claramente a repulsa por pronunciar determinada unidade lexical, em grande escala aquela referente aos nomes dos órgãos sexuais. “Existem,

portanto, palavras interditas; sabemos da existência de vocábulos condenados. Descobrimos, assim, nada mais nada menos que...palavras-tabu no nosso mundo civilizado!” (ARANGO, 1991, p. 12).

Para Preti (1984) a unidade lexical obscena faz referência ao campo moral das palavras, dado que é comum dar a elas valores éticos, que só se alteram se os costumes forem modificados. Em consonância com a obra de Arango (1991), este afirma que a linguagem obscena, além de retratar uma cultura, revela a essência do ser humano. Para sua definição concordamos com a colocação de Preti (1984) de que é difícil delimitar seus limites, visto que o contexto transforma palavras comuns da língua em injuriosas e vice-versa.

Vejamos o que Preti discorre sobre a linguagem obscena, associada aqui aos palavrões em função de os nomes dos órgãos sexuais expressarem uso insultuoso: numa “perspectiva sociolinguística, eles [os palavrões] permanecem como formas estigmatizadas, identificando tipos de falantes e de *situação* e confirmando sua ligação com *níveis* de linguagem de baixo *prestígio* social” (PRETI, 1984, p. 77). Este vocábulo é visto como elemento catártico para aliviar a tensão social, expressar ultraje, manifestar revolta, satisfação, felicidade, espanto ou dor. Como traz Maior em seu dicionário: o “mundo inteiro diz *palavrão*: homens, mulheres, velhos, moços, crianças, ricos, pobres, em russo, em chinês, em croata, em todos os idiomas” (MAIOR, 1980, p. XIII). Consoante Arango (1991), os palavrões são, sem dúvida, palavras obscenas. No entanto, é colocado como palavrão relacionado à anatomia apenas aquele que concerne ao adulto, não à criança.

Para análises lexicais mister se faz perscrutar o que se refere a seu significado, ou melhor, aos estudos semânticos.

Semântica, palavra formada do grego ‘*sêmainô*’ (significar), este, por sua vez, derivado de ‘*sêma*’ (sinal), é, em sua origem, o adjetivo correspondente a ‘sentido’: uma mutação semântica é uma mutação de sentido. [...] É semântica tudo o que se refere ao sentido de um sinal de comunicação e, principalmente, tudo o que se refere às palavras. (GUIRAUD, 1975, p. 8)

Busca-se dentro dela o que é uma unidade lexical - usada aqui como sinônimo de palavra - quais são as relações entre sua forma e o sentido.

As palavras têm uma função *semântica*; elas significam conceitos autônomos, dos quais evocam a imagem memorial. Designam seres, objetos, processos, noções abstratas, por uma associação direta e recíproca do significante e

do significado: a palavra ‘cavalo’ evoca a imagem do animal e um cavalo evoca a imagem da palavra (GUIRAUD, 1975, p. 123, grifos do autor).

Ullmann propõe que a “semântica moderna começou também a aperceber-se mais precisamente do impacto do contexto sobre o significado das palavras” (ULLMANN, 1964, p. 109). “É a *situação* (condições extra-verbais que cercam o ato de fala) que nos permitirá distinguir o que vulgarmente costuma chamar-se de ‘palavrão’, utilizado como blasfêmia ou injúria” (PRETI, 1984, p. 65, grifos do autor). E é nesse sentido em são empregados os nomes dos órgãos sexuais.

Relativamente às mudanças de significado que podem ocorrer, delas participam ativamente as metáforas, seja na alteração, seja no enriquecimento do sentido das unidades lexicais.

Em seu livro **Metamorphos We Live By**, George Lakoff e Mark Johnson sustentam que a questão da metáfora não pode ser tratada como marginal pelos estudos linguísticos, já que a língua que usamos no nosso dia-a-dia se assenta numa base em grande parte metafórica. Essas metáforas, de tão comuns na língua corrente, passam muitas vezes despercebidas. (KNEIPP, 1990, p. 55)

Adicionamos o que expressam Lakoff e Johnson (2004):

Nós chegamos à conclusão de que a metáfora, ao contrário, impregna a vida cotidiana não somente a linguagem, mas também o pensamento e a ação. Nosso sistema conceptual mais simples, no qual pensamos e atuamos, é fundamentalmente de natureza metafórica³ (LAKOFF; JOHNSON, 2004, p. 39, tradução nossa)

Para Cassirer (1972) a metáfora é a substituição da denotação por um conteúdo de representação, utilizando-se um conteúdo análogo. Também é esclarecedora a colocação de que a “essência da metáfora é entender e experimentar alguma coisa em termos de outra”⁴ (LAKOFF; JOHNSON, 2004, p. 41, tradução nossa).

Acrescemos que o que se costuma denominar palavra é uma forma sonora (fônica) ou ainda gráfica que evoca algo em função de uma convenção. A palavra, em síntese, não é a coisa. Ela é somente um excitante: evoca a imagem da coisa. É por este motivo que aparecem os tabus linguísticos: os usuários de uma língua acreditam que ao pronunciar uma determinada palavra evocam, além da imagem, a própria coisa. Para Guiraud as palavras exprimem não apenas “nossas emoções, mas também obsessões difusas, indeterminadas, ou, mais

freqüentemente, inconscientes, ou mesmo recalçadas por proibições individuais ou sociais” (GUIRAUD, 1975, p. 65). Frequentemente, a palavra tabu é abandonada e introduz-se um substituto “inofensivo”, um *eufemismo*, isto é, um abrandamento de sentido, uma neutralização de conotações desagradáveis ou censuradas. Para disfarçar os tabus são empregados ainda a metonímia, a sínecdoque, a elipse, a abreviação ou o truncamento.

“Conhecemos a extraordinária riqueza de metáforas das quais dispõe a gíria e a língua familiar para designar o dinheiro, o sexo ou o amor temas muitas vezes de fixação mental” (GUIRAUD, 1975, p. 94). É sabido que *boceta*, antes uma caixa redonda de pequeno tamanho para guardar objetos, hoje é um tabuísmo referente à vulva. Confirma-se a mencionada mudança de significado, que por via metafórica se tornou alusão ao órgão sexual feminino. “Os vocábulos *pica* e *boceta* reproduzem, com grande fidelidade e impacto visual, os órgãos genésicos. Sua figura, seu tamanho, sua cor e, às vezes, até seu cheiro. Nós os vemos com todo seu encanto e esplendor” (ARANGO, 1991, p.113, grifos do autor). Segundo Arango, *boceta* é a unidade lexical mais condenada, cujo uso recebe condenação até mesmo num prostíbulo. Convém notar que se encontra uma variação ortográfica nesta unidade, qual seja, a troca de *o* por *u*: *buceta*. Conforme o dicionário Aurélio Século XXI (1999) a forma adequada seria aquela grafada com *o* e não *u*. O equivalente tradutório que sugerimos em língua italiana para a unidade referida acima é *fica*, que perpassou igualmente o processo de alteração de significado por via metafórica. De modo particular,

a figueira, cujo fruto maduro, abrindo-se, tem a imagem da vulva. De fato, o nome de tal fruto, que popularmente foi feminilizado e transformado em ‘fica’, representa até agora a mais difundida metáfora da mulher. Na base de sua motivação estão muito provavelmente também a cor, a maciez e a viscosidade do fruto já mencionado.⁵ (SCERBO, 1991, p. 185, tradução nossa)

Para nós, em língua portuguesa, essa etimologia se perde.

Para concretizar esta pesquisa, primeiramente

efetuamos a coleta das unidades lexicais relativas aos órgãos sexuais feminino e masculino, extraído a partir das seguintes obras: MAIOR (1980), ALMEIDA (1981), PRETI (1984), MATTOSO (1990), VÁRIOS (1990), SCERBO (1991), BONISTALLI (2000), ZANNI (2000), XATARA e OLIVEIRA (2002), VÁRIOS (2005) e do site <<http://pt.wikipedia.org>>.

A título de ilustração, apresentamos algumas das unidades léxicas que compõem nosso *corpus*, lembrando que não se trata de equivalentes, mas sim exemplos de unidades lexicais:

ÓRGÃO SEXUAL FEMININO		ÓRGÃO SEXUAL MASCULINO	
PORTUGUÊS	ITALIANO	PORTUGUÊS	ITALIANO
bacalhau	<i>barca</i>	badalo	<i>asta</i>
bacorinha	<i>barattolo</i>	bagre	<i>attaccapanni</i>
barata	<i>borsa</i>	banana	<i>banana</i>
baratinha	<i>bernarda</i>	cajado	<i>banano</i>
baú	<i>carne</i>	calabrote	<i>bietolone</i>
bigode	<i>ferita</i>	caralho	<i>cappero</i>
boca-cabeluda	<i>fessa</i>	caralhaz	<i>cazzo</i>
cona	<i>grattugia</i>	ferramenta	<i>pane</i>
lasca	<i>nido</i>	lingüiça	<i>salame</i>
maçã	<i>orchestra</i>	mandioca	<i>salsiccia</i>
passarinha	<i>susina</i>	nabo	<i>supercazzo</i>
periquita	<i>tabacchiera</i>	passarinho	<i>tacchino</i>
pomba	<i>tazza</i>	pau	<i>topo</i>
rosa	<i>trappola</i>	pinto	<i>uccello</i>
zezinha	<i>zuccheru</i>	verga	<i>würstel</i>

Tabela (1): Levantamento das unidades lexicais referentes aos órgãos genitais masculinos e femininos

Seguidamente separamos as unidades lexicais recolhidas em metáforas, baseando-nos em Scerbo (1991), e explicamos algumas delas com exemplos.

No que diz respeito ao modelo de verbete que propomos não consideramos profícuo dar indicações sobre a pronúncia, apenas a unidade lexical contemplada como entrada, a informação morfossintática indicando a classe gramatical a que pertencem, o equivalente, exemplos que possam contextualizar a unidade nas duas línguas e suas fontes, e a definição que levou à metáfora. Tomamos tais indicações como suficientes para sanar possíveis dúvidas ou curiosidades do consultor. Como visto, em mãos das entradas em português, propomos a tradução para o italiano de cada uma - e vice-versa, observando todos os casos possíveis: a equivalência “literal”, a equivalência “não-litera”, a equivalência por paráfrases. Quando não se nota equivalência possível para as entradas em português e em italiano, oferecemos em ambas as línguas uma listagem das unidades detectadas para as áreas acima citadas. Avulta-se que

na elaboração de obras temáticas bilíngües surgem problemas de equivalência que impulsionam o lexicógrafo-tradutor a refletir sobre elas e a exercitar sua capacidade de encontrar soluções definitórias e tradutórias que dirimam as divergências lingüístico-culturais entre as línguas.

O estudo sistemático e comparado dos nomes, apelidos e eufemismos relativos aos órgãos sexuais ainda representa um campo quase totalmente inexplorado. Não houve, de fato, publicações de obras de caráter lingüístico dedicadas exclusivamente a tal argumento⁶ (SCERBO, 1991, p. 7, tradução nossa).

Podemos depreender que a freqüência do uso de metáforas na construção dos palavrões erótico-obscenos é grande, em especial o exagero de alguns semas - traço distintivo mínimo da significação de uma unidade. “As metáforas habituais da linguagem popular são, não raro, de natureza hiperbólica, isto é, acusam modificação nos *semas* intensivos” (PRETI, 1984, p. 125). A motivação da metáfora popular é a intensificação do significado, seja por meio do exagero das imagens, seja de sua forma, cor, cheiro ou som. Complementamos que, relativamente ao nosso léxico em estudo, por ser metafórico,

uma grande parte das palavras que empregamos é efetivamente motivada, e essa motivação, mais ou menos consciente, segundo os casos, determina o emprego dessas palavras e sua evolução. Em segundo lugar, qualquer nova criação verbal é necessariamente motivada; toda palavra é sempre motivada em sua origem, e ela conserva tal motivação, por maior ou menor tempo, segundo os casos, até ao momento em que acaba por cair no arbitrário, quando a motivação deixa de ser percebida (GUIRAUD, 1975, p. 28).

Apreciemos quatro divisões metafóricas realizadas por Scerbo (1991) e suas reflexões. Incorporamos a elas explicações e exemplos por nós traduzidos e/ou adaptados para que se possa compreender de forma minuciosa o fundamento de cada uma delas, cujo título frequentemente já indica o sema relativo. Para o órgão sexual masculino temos:

• *Pendagli, chiavi e oggetti penetranti*/
Penduricalhos, chaves e objetos penetrantes

“A fantasia popular tem adotado com freqüência alguns nomes de objetos pênseis ou, de qualquer maneira, destinados à introdução em algo como uma expressão metafórica do órgão sexual masculino”⁷ (SCERBO, 1991, p. 37, tradução nossa). A respeito dos objetos penetrantes, algumas denominações provêm de chave ou prego, cujo escopo primeiro é a introdução numa

cavidade, explicitando os semas /forma/ e /penetração/. Dentre todos destacamos os seguintes: “badalo”/”*battaglio*”, “chave”, “chave de mulher”/”*chiave*”, “cúspide”, “ferrão”, “fuso”/”*ago*”, “pua”/”*trapano*”, “prego”/”*chiodo*”. Scerbo comenta que já no século XVI atestou-se a metáfora do prego para o membro viril devido à dureza e à sua capacidade de penetração.

• *Generi alimentari*/Gêneros alimentícios

Hoje o sexo é considerado popularmente uma refeição - o ato de comer. Os órgãos envolvidos passam a ser então os alimentos. Logo, justifica-se o emprego metafórico de nomes de alimentos pelos do órgão sexual. Em Preti, nos deparamos com uma elucidação para tal analogia, a saber: “Lévi-Strauss afirma que ‘todas as sociedades concebem uma analogia entre as relações sexuais e a alimentação; mas, conforme os casos e os níveis de pensamento, ora o homem, ora a mulher, ocupa a posição do que come e do que é comido’” (LÉVI-STRAUSS, 1970, p.156 *apud* PRETI, 1984, p. 87). Vejamos algumas metáforas dos semas /forma/ e /alimento/: “banana”, “pacova”/”*banana*”, “*banano*” - em que há troca da última vogal para uma mais fácil associação ao membro masculino. Em relação a esta última metáfora - banana - lembremos que também pode ser a “(batida da mão esquerda sobre o bíceps direito, erguendo o antebraço, com o punho fechado), que procede da simbólica sexual da potência do adversário ao qual atribui todas as expressões da impotência física ou intelectual” (GUIRAUD, 1991, p. 66). Outros exemplos de metáfora acerca de alimento são: “carne”/”*carne senz’osso*”, “*pezzo-di-carne*”, “salame”, “lingüiça”, “paio”, “tripa”/”*salsiccia*”, “*salsicha*”/”*wurstel*”, “biscoito”/”*biscotto*”, “picolé”, “picolé de homem”, “picolé quente”, “pirulito”/”*pinguino*” (sorvete coberto de chocolate).

Para o órgão sexual feminino coletamos:

• *Divina cicatrice*/Divina cicatriz

Segundo Scerbo: “Uma das primeiras imagens que sugerem o genital feminino é a da fissura. Trata-se do elemento oposto em relação à protuberância do genital masculino destinado, por lei da natureza, a encontrar hospitalidade em tal abertura”⁸ (SCERBO, 1991, p. 140, tradução nossa). Exemplificamos a presença do sema /abertura/ em “racha”, “rego”/”*fessa*”, “*fessura*”, “talho”/”*taglio*” e “ferida”/”*ferita*”.

• *Cavità varie*/Cavidades variadas

É muito produtiva a metáfora envolvendo o sema da /cavidade/, /abertura/ do órgão sexual. Por exemplo: “gruta”, “gruta-do-amor”/”*grotta*”, “vão”/”*vallo*”, “fornalha”, “fornicada”, “forninho”, “forno”, “forno à lenha”/”*fornello*”, “*forno*” - metáfora atestada na Itália

desde o século XVI. Todos os alimentos que são introduzidos nesse interior fazem referência ao membro masculino, alguns já citados acima. Há ainda “caverna”/”*caverna*”.

Concernente à tradução, reflexão imprescindível a pesquisas como esta, consideramos o processo:

não como um ato de transferência de significados [...]. Dessa maneira, assumindo o tradutor o papel de um leitor, assumirá também todas as implicações concernentes ao processo de leitura, chegando a traduções satisfatórias e eficazes, visto que não tem por objetivo algo impossível e frustrante, mas algo factível. (XATARA; RIVA; RIOS, 2002, p. 185-186)

Ao selecionarmos as possíveis traduções das unidades lexicais eleitas contamos com a reflexão de Xatara, Riva e Rios (2002), segundo os quais não é possível definir ao certo um equivalente em língua estrangeira e tampouco afirmar que seu uso seja idêntico nas línguas estudadas, porém, é possível estabelecer alguma correspondência entre eles e dicionarizá-los. Fundamentado nas propostas e reflexões de Haensch et al (1982), sabe-se que na prática é laboriosa e muitas vezes, impraticável a atribuição de um significante em certa língua a um conteúdo correspondente em outra. Com efeito, em muitos casos, “o problema das equivalências é difícil ou até mesmo insolúvel porque uma unidade léxica da língua de origem não possui, ao menos, equivalente aproximado na língua de destino”⁹ (HAENSCH et al, 1982, p. 520, tradução nossa).

Diante disso, não deixaremos de pensar que “é verdade que não é possível determinar com exatidão qual o significado único e preciso de um determinado texto, nem tampouco identificar um tal significado com a intenção consciente do autor” (BRITTO, 2001, p. 45, sic). Contudo, concordamos com o autor quando sustenta que para a tradução de alguns textos só se pode oferecer resultados se forem adotados alguns pressupostos (como, por exemplo, o uso ponderado de noções de equivalência), que embora possam não pertencer à realidade, são fundamentais. Ao descrever uma unidade lexical em um vocabulário almeja-se uma pretensa estabilidade e fixidez de significado, agindo como se as traduções sugeridas fossem equivalentes do original e pudessem substituí-lo. Entretanto, quando falamos de “produção de dicionários bilíngües” devemos, impreterivelmente, levar em consideração tanto a noção de equivalência, já que esse tipo de obra pressupõe unidades estrangeiras pela sua própria natureza, como considerarmos a possibilidade de estaticidade de significados, uma vez que os mesmos serão delimitados

em uma certa data, de uma certa época, em certa obra impressa.

Após tais explicitações, vejamos alguns resultados dos verbetes elaborados:

Direção português-italiano:

BANANA s.f.s. **BANANA**: *Mi guardava sorridente e invitante mentre lo accarezzavo sui fianchi e appoggiavo la mia banana nel solco delle sue chiappe.* (<http://www.clubclassic.net/racconti/story353.html>) // *Mama na minha banana vai! Isso putinha, chupa! Aaaahhhh... que delícia de boquinha!* (<http://www.contoerotico.com.br/princ.htm>) # Fruto da bananeira, geralmente oblongo, cujo formato é ligado ao genital masculino.

LINGÜIÇA s.m.s. **SALSICCIA**: *senza preoccuparsi se in bocca avevo spazio a sufficienza per quella salsiccia gigantesca...* (<http://www.clubclassic.net/racconti/story438.html>) // *...vinha imaginando um jeito, uma forma de não tirar a lingüiça por nada, pois se eu tirasse ela viraria o corpo, então adeus foda...* (<http://eternous.blogcindario.com/2006/01/01475-uma-foda-inesquecivel.html>) # Tripa recheada de carne, de formato cilíndrico, tomada como sinônimo metafórico do órgão sexual masculino.

PASSARINHA s.f.s.dim. **PASSERINA**: *Non c'è niente che renda unica una donna quanto la sua passerina. Lo so perché ne ho viste un sacco. Hanno dimensioni, colori e forme diverse; alcune sono ripiegate verso l'interno come quelle delle bambine, altre hanno sensuali labbra carnose che fuoriescono invitanti.* (<http://www.eroge.it/modules.php?name=News&file=article&sid=495>) // *aos poucos foi parando, para finalmente mudar de posição, colocando-se no meio das pernas da mulher, apontando-lhe o “míssil” diretamente à “passarinha”* (<http://www.megasex.com.br/contos/artigo/template.php?id=11003>) # Ave pequena associada metaforicamente ao genital feminino.

PAU s.m.s. **CAZZO DILEGNO**: *sarebbe un po' come se uno cercasse di scopare con un cazzo di legno...* (www.syria.it/blog/?feed=comments-rss2) // *Meu pau pulsava na calça, insuportavelmente duro e me deixava...* (www.casadoscontos.com.br/texto.pl?texto=20051255) # Peça de madeira usado vulgarmente e popularmente para se referir ao órgão sexual masculino.

RATA s.f.s. **TOPA**: *e la topa al naturale ma depilata* (<http://www.nutilla.com/raccontierotici/raccontoerotico.asp?id=197>) // *Mostra as suas tetonas e a sua buceta... e que rata!* (<http://bestvideos.wordpress.com/tag/gatas-caseiras-nuas-homevideos/sex-on-webcams/>) # Animal peludo, associado ao órgão sexual feminino.

Direção italiano-português:

BUCO s.m.s. **BURACO**: *muitos lábios que encaminham a minha língua para um buraco que a acolhe e de onde bebo o que consigo... como beber as gotas de urina* (<http://www.thepalaceofdesire.150m.com/Textos.html>) // *Tutti quanti andiamo matti/per qual buco che ci ha fatti.* (SCERBO, 1991, p.144) # Cavità o apertura più o meno profunda e buia, che ricorda dunque l'organo sessuale femminile.

FORESTA s.m.s. **FLORESTA**: *uma floresta de pelos com uma rachinha vermelha molhadinha* (http://www.aonde.com/buscadas/morena_gostosa.htm) // *Infatti iniziò a gonfiarsi dentro le mutande... Ma che ci potevo fare... Quando sento il richiamo della foresta sono il primo a rispondere* (<http://www.clubclassic.net/racconti/story418.html>) # Estensione di terreno ricoperta di piante, la cui immagine è dell'organo sessuale feminino con i peli.

RAGNA s.m.s. **ARANHA**: *Thor quer ver a aranha da Mulher-Aranha* (<http://www.ccqhumor.com.br/artigos-eroticos/hq-quadrinhos%20eroticos%20pitombo.htm>) // *una morte in più da preda nella tua ragna* (http://www.tutonet.com/ricercacontenuti.asp?keywd_racconti+erotici+stupri/RCLAREE_1/RCA_1) # Animale invertebrato fornido di particolari apparati che secernono il caratteristico filo delle ragnatele con cui cattura gli insetti e per questo associato al genitale feminino.

RAPA s.f.s. **NABO**: *estiveste a apanhar com o meu nabo toda a noite nesse cuzinho lindo* (<http://www.penal.com-palavras.com/>) // *predicava il sesso a mani nude - meglio ancora succhiare una rapa* (<http://www.giuda.it/archives/200506/suicide-mondays-il-referendum-clementina-cant.html>) // # Grossa radice tuberosa, branca e carnosa commestibile, associata popolarmente all'organo sessuale maschile.

VERGA s.f.s. **VARA**: *Ele volta a enfiar a vara dura na minha boca* (<http://ourworld.compuserve.com/homepages/brazilnutfox/htm/br/conto-programa.htm>) // *La verga dell'uomo sembrava acciaio rovente. La cercava, la frugava tra le cosce, poi, con un colpo secco, l'impalò.* (http://www.eracle.it/letteratura/lettera_003_01/la_schiava.asp) # Oggetto di forma allungata e cilindrica che ricorda, popolarmente, il genitale maschile.

No total, elaboramos 80 entradas para a nomenclatura de nossa proposta de vocabulário bilíngüe italiano-português/português-italiano.

Diante de todo o exposto, compreende-se que as palavras, por meio “dos significados atribuídos por um grupo social, por uma cultura, determinam uma visão de mundo, um sistema de valores e, conseqüentemente, ações, sentimentos e emoções decorrentes” (LANE, 1985, p.9). É nessa esteira em que o vocábulo obscuro aparece como manifestação social em diversas situações.

Com a concretização lexicográfica do vocabulário

especial que expusemos anteriormente acreditamos contribuir de maneira fecunda e promissora com os estudos em Lexicologia e Lexicografia no Brasil.

Referências

- ALMEIDA, H. *Dicionário de termos eróticos e afins*. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.
- ARANGO, A. C. *Os palavrões*. (Tradução de Jasper Lopes Bastos). São Paulo: Brasiliense, 1991.
- AUGRAS, M. *O que é tabu*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BARROS, L. A. *Curso básico de terminologia*. São Paulo: Edusp, 2004.
- BENEDETTI, I. C. *Dicionário Martins Fontes italiano/português*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BIDERMAN, M. T. C. *Léxico e vocabulário fundamental. Alfa*. São Paulo: v.40, p. 27-46, 1996.
- _____. *O dicionário padrão da língua. Alfa*. São Paulo: v.28, p.27-43, 1984.
- BRITTO, P. H. *Desconstruir para quê?. Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 8, p. 41-50, 2003.
- CAMACHO, R.G. *Sociolinguística. Parte II*. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A.C. *Introdução à linguística*. v.1. São Paulo: Cortez, 2001, p.59.
- CASSIRER, E. *Linguagem e mito*. (Tradução de J. Guinsburg e Miriam Schnaiderman). São Paulo: Perspectiva, 1972.
- DEVOTO, G.; OLI, G. C. *Il dizionario della lingua italiana*. Firenze: Le Monnier, 1990.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio século XXI*. Versão 3.0, CD-ROM. Rio de Janeiro: Nova Fonteira & Lexicon, 1999.
- GOMES, L. L. *Inglês proibido: dicionário do sexo vulgar*. São Paulo: Pioneira/ Thomson Learning, 2002.
- GUIRAUD, P. *A linguagem do corpo*. (Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira). São Paulo: Ática, 1991.
- _____. *A semântica*. (Tradução de Maria Elisa Mascarenhas). 2ª. ed. Rio de Janeiro: Difel, 1975.
- HAENSCH, G.; WOLF, L.; ETTINGER, S.; WERNER, R. *La lexicografía*. Madrid: Editorial Gredos, 1982.
- KNEIPP, M. A. R. *Era uma vez um cruzado....* In: PONTES, E (org.). *A metáfora*. Campinas: UNICAMP, 1990.
- LANE, S. T. M. *O que é psicologia social*. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Coleção Primeiros Passos).
- Lista de nomes populares para a vagina*. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_nomes_populares_para_a_vagina>. Acesso em: 06 jan. 2006.
- Lista de nomes populares para o pênis*. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_nomes_populares_para_o_p%C3%AAni>Acesso em: 06 jan. 2006.
- MAIOR, M. S. *Dicionário de palavrão e termos afins*. 2.ed. Recife: Guararapes, 1980.
- MATTOSO, G. *Dicionário do palavrão e correlatos*. Inglês-português/ português-inglês. Rio de Janeiro:

Record, 1990.
 PRETI, D. *A linguagem proibida: um estudo sobre a linguagem erótica*. São Paulo: Queiróz, 1984.
 SAUSSURE, F. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 1995.
 SCERBO, E. *Il nome della cosa*. Nomi e nomignoli degli organi sessuali. Milano: Mondadori, 1991.
 ULLMANN, S. *Semântica*. Uma introdução à ciência do significado. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1964.
 VÁRIOS. *2500 Palavrões*. São Paulo: Flash, 1990.
 VÁRIOS. *Svergognate*. Roma: Edizioni Ariete, 2005.
 XATARA, C. M. ; RIVA, H. C. ; RIOS, T. H. C. *As dificuldades na tradução de idiomatismos*. Cadernos de Tradução, Florianópolis, v. 8, p. 183-194, 2002.
 XATARA, C.; OLIVEIRA, W. L. de. *Dicionário de provérbios, idiomatismos e palavrões: francês-português / português-francês*. São Paulo: Cultura, 2002.
 ZANNI, M. *Ditelo con gli insulti* (e non accontentatevi di un semplice vaffanculo). Dizionario completo degli insulti italiano-inglese. Milano: Baldini&Castoldi, 2000.
 ZINGARELLI, N. *Vocabolario della lingua italiana*. Bologna: Zanichelli, 2006.

Notas

¹ *"es verdad que las tareas de la lexicografía son tanto más fáciles de cumplir si se tiene en cuenta, para ello, la totalidad del sistema lingüístico individual o colectivo, es decir, si se tienen también en cuenta los enfoques lexicológico"* (HAENSCH et al, 1982, p. 93)

² Discordamos do emprego de *termo*, presente em algumas citações aqui apresentadas. Concebemos por *termo*, com base em Barros (2004), "uma unidade lexical com um conteúdo específico dentro de um domínio específico" (BARROS, 2004, p. 40). Em outras palavras, *termo* se refere exclusivamente a noções de áreas técnicas e científicas. Ademais, ao contrário do signo da Lexicologia, não é possível estudar a unidade terminológica - o termo - sob a perspectiva diacrônica, ou seja, durante vários períodos de tempo determinados. Só pode ser examinada sincronicamente, num único período de tempo demarcado. Outrossim, e muito importante para distinguir a Terminologia da Lexicologia, na primeira o termo pode ser abordado independente de sua expressão, privilegiando-se o estudo do conceito. Já na segunda, significado (conceito) e significante (expressão) são indissociáveis, seguindo, então, o modelo de signo proposto por Saussure.

³ *"Nosotros hemos llegado a la conclusión de que la metáfora, por el contrario, impregna la vida cotidiana, no solamente el lenguaje, sino también el pensamiento*

y la acción. Nuestro sistema conceptual ordinario, en términos del cuál pensamos y actuamos, es fundamentalmente de naturaleza metafórica" (LAKOFF; JOHNSON, 2004, p.39).

⁴ *"esencia de la metáfora es entender y experimentar un tipo de cosa en términos de otra"* (LAKOFF; JOHNSON, 2004, p.41).

⁵ *"l'albero del fico, il cui frutto maturo aprendosi dà l'immagine della vulva. Infatti il nome di tale frutto, che popolarmente è stato femminilizzato e trasformato in 'fica', rappresenta tuttora la più diffusa metafora della natura della donna. Alla base della sua motivazione stanno molto probabilmente anche il colore, la mollezza e l'appiccicosità del frutto anzidetto"* (SCERBO, 1991, p.185).

⁶ *"Lo studio sistematico e comparato dei nomi, nomignoli ed eufemismi relativi agli organi sessuali rappresenta ancora un campo quasi del tutto inesplorato. Non risulta infatti che siano state pubblicate opere di carattere linguistico dedicate esclusivamente a tale argomento"* (SCERBO, 1991, p. 7).

⁷ *"La fantasia popolare ha spesso scelto alcuni nomi di oggetti pendenti o comunque destinati a introdursi in qualche cosa come voci metaforiche dell'organo sessuale maschile"* (SCERBO, 1991, p. 37).

⁸ *"Una delle prime immagini che suggerisce il genitale femminile è quella di una fessura. Trattasi dell'elemento opposto rispetto alla protuberanza di cui consta il genitale maschile destinato, per legge di natura, a trovare ospitalità in tale fessura"* (SCERBO, 1991, p. 140).

⁹ *"En muchos casos, el problema de las equivalencias es difícil o casi insoluble porque una unidad léxica de la lengua de origen no tiene ni siquiera equivalente aproximado en la lengua de destino"* (HAENSCH et al., 1982, p.520).